

mudança no ambiente de cuidados de saúde. A sua maior vantagem é a criação de soluções práticas para os problemas quotidianos. Os indivíduos participantes nesta investigação são membros activos da equipa de investigação, participam no planeamento, implementação e avaliação da acção. O sentido desta prática de pesquisa é identificar e descrever problemas ou áreas que necessitam de mudança, avaliando, o processo e os resultados da mudança como garantia de que esta teve o efeito desejado. O Capítulo 13 apresenta a aplicação do método na prática, no ensino e na administração da enfermagem.

A triangulação como estratégia de investigação qualitativa é o objecto do capítulo 14. Especificamente, a triangulação é uma ferramenta de investigação quantitativa, podendo contribuir, produtivamente, para a conformação de dados necessários na investigação qualitativa. Os autores descrevem quatro tipos de triangulação: 1. dados; 2. investigadores; 3. teoria; 4. métodos. A eficácia analítica da triangulação consiste em permitir cruzar dados e métodos para a compreensão da problemática em estudo.

O Capítulo 15, 'Guia Prático para Partilhar Resultados de Investigação Qualitativa', examina os modos de financiar projectos de investigação qualitativa, bem como a disseminação de resultados desta investigação.

Este livro é uma leitura útil para professores e alunos que procuram uma informação introdutória aos fundamentos teóricos e práticos das metodologias qualitativas, em particular, pela compreensão de que, em vez de se considerar que existe uma oposição entre pesquisa qualitativa e investigação quantitativa, teoria e prática metodológica, o importante, em qualquer caso, é o modo como as práticas metodológicas, na pesquisa científica, implicam fundamentos teóricos ou a persuasão de que todas as fases do trabalho crítico precisam ser teoricamente fundamentadas. Por outro lado, este tipo de literatura crítica é muito instrutivo acerca das consequências produtivas da combinação de estratégias quantitativas e qualitativas no desenvolvimento do campo epistemológico da pesquisa e do ensino na área da saúde.

João Paulo de Figueiredo
Escola Superior de Tecnologia
da Saúde de Coimbra

Luis Soczka. 2003. *A Companhia dos Lobos: O Imperativo da Vinculação. Ensaio de Etologia Social*. 2ª Ed. Actualizada e Aumentada. Prefácio de António Bracinha Vieira. Lisboa: Fim do Século. 248 pp. ISBN: 972-754-190-9.

O recente aparecimento desta preciosa obra de Luís Soczka, agora em uma nova edição, actualizada e aumentada, obriga-nos a uma reflexão sobre a importância destes estudos sobre etologia, mais especificamente sobre etologia social, de que o autor, em termos de uma científica definição do objecto de estudo e aprofundamento conceptual, como na clarificação terminológica, é pioneiro em Portugal.

Trabalhar entre nós em áreas de saber que decorrem da observação da Natureza, aventurando-se à produção de um discurso interdisciplinar, isto é, decorrente de entrecruzamentos disciplinares e de saberes, se ainda hoje suscitam esgares de desdém de uns quantos para quem as ciências humanas carecem do imediato selo do lucro visível, imagine-se a receptividade de trabalhos como o que o autor apresentou na já longínqua década de setenta, ao discorrer sobre comportamentos animais e depois se doutorar com uma tese em que estuda os comportamentos sociais de macacos.

Se não era de todo insuportável para as mentes de universitários que se acomodam aos sofás dos saberes tradicionais, era certamente inquietante e medido em termos de utilidade imediata. Não obstante, estava-se perante a convivência de saberes que interessavam a zoologia e a ecologia, mas igualmente reparavam o livro imenso do registo da teorização evolutiva, da reconfiguração da linguagem, da socialidade e sociabilidade de algumas espécies e da redefinição paleoantropológica, também o desfibrar pela via da observação e experimentação, pelo rigor metodológico, conjugado com uma reflexão profunda e fundamentada, de novos paradigmas para a própria reconstituição da origem e evolução do homem, caucionando ao mesmo tempo a desmontagem das tentações ideologizantes que sempre afloram no limbo das mais duras pesquisas científicas.

Em presença destes estudos de Luís Soczka, sabiamente prefaciados por António Bracinha Vieira, outro nome cimeiro das ciências humanas em Portugal, apetece-nos, desde logo, convocar o leitor para a descoberta de um dos nossos actuais homens de

ciência de maior relevância, árvore frondosa de inesgotáveis frutos na charneca intelectual que o país sempre foi e se vem exponenciando, entregue às hostes ignaras da nova barbárie para quem a pesquisa científica como a produção artística se avaliam no razão do deve e haver de contabilidades espúrias e economias de merceeiro.

O livro de que nos ocupamos é um conjunto de seis poderosos ensaios de penetrante inteligência que nos ajudam a compreender não só a importância da etologia como ciência, como ainda, ao interrogar alguns dos problemas fundamentais do que por comodidade vou designar de condição humana, nos devolve, como leitores, o poder interrogante e conflui e conflitua algumas das nossas perplexidades, quando nos confrontamos com os registos mais arcaicos do comportamento humano, com permanentes assomos à superfície da nossa quotidianidade.

Começa por se ocupar de comportamentos de canídeos selvagens de que se originaram as conhecidas raças de cães, explica a transmissão informacional dos mesmos comportamentos nos herdeiros genéticos e releva os problemas da vinculação, ou seja, as etapas do reconhecimento do homem como dominante. Nesse fascinante capítulo, titulado 'A Companhia dos Lobos – o Imperativo da Vinculação', podemos marcar encontro com alguns problemas nucleares da hominização, pelo viés analógico, quando o autor, ao tratar dos lobos, nos esclarece sobre as relações vinculatórias entre mães e crias, nos demonstra as estruturas de poder e a definição da hierarquia na alcateia e a relação com o espaço a defender, o que, como acentua Bracinha Vieira, 'pode constituir modelo analógico para as sociedades de homens primitivos, pois que duzentos e quarenta e nove duzentos e cinquenta anos da duração do género *Homo* na biosfera se passou, tendo por unidade social pequenos grupos itinerantes e geneticamente aparentados de caçadores-recolectores' (p. 18).

Ora, é consabida a remota ligação do homem com o cão, anterior a tantas e decisivas manifestações culturais, relação de complicitades que a história regista, umas respondendo a necessidades biológicas de sobrevivência, outras imbricadas com as confrontações e as guerras, todas, porém, explicativas de uma relação que é talvez a mais antiga de quantas estabelecemos no trabalho da domesticação. Luis Soczka sustenta

a ancestralidade do 'fiel amigo do homem' no *Canis lupus lupus*, ou seja, o lobo europeu e seus irmãos norte-americano e euroasiático, o que se confirma pelo património genético revelado nas análises de ADN levadas a cabo, em 1993, por Waïne.

O que o autor nos evidencia e demonstra é uma vasta gama de comportamentos gregários para resguardar a sobrevivência da alcateia como grupo estável e organizado e ao mesmo tempo dilucida pela descodificação do jogo expressional uma gramática de emoções, o que lhe permite explicar o comportamento dos nossos estimáveis cães e as suas fases de desenvolvimento e socialização, que não compreendidas (sabidas) pelos donos conduzem a que se tenha 'arranjado um chato para os donos, para os vizinhos dos donos, e a única pessoa que não se rala com isso é o senhor George W. Bush, dado que ele próprio é um insuportável chato' (p. 62).

Para melhor se perceber o longo caminho desta ciência que se ocupa de comportamentos, Luís Soczka oferece-nos um outro ensaio sobre 'Etologia, Uma Perspectiva Histórica', análise diacrónica de toda a investigação neste domínio, dizendo de outra maneira, o percurso que vai de uma ciência que começou por não ser, com se diz do Direito Romano, revelada na observação dos animais no seu espaço natural, coetânea pelo menos do *Homo sapiens sapiens*, até ao estabelecimento da rigorosa definição do seu objecto, metodologias e mudanças paradigmáticas. Estamos perante uma inteligentíssima síntese que nos leva da etologia clássica à etologia social, que nos explica a problemática interrogante da relação etologia e psicologia comparada e que nos esclarece sobre o impacto na etologia que vieram a ter os estudos socio-etológicos, onde se distingue sociobiologia de etologia, e, enfim, se esplendoriza o caminho de compreensão de uma ciência onde convivem a análise das interacções e as neurociências.

O novo paradigma que a revolução Darwinista introduziu, ao demonstrar que a particularidade das características de cada espécie resulta da competição selectiva e das respostas adaptativas às mudanças ambientais, numa hoje possível avaliação de muitos milhões de anos, abriu caminho a que se pudesse interrogar a diferenciação sexual, ou dito de outra maneira, trouxe à discussão todos os novos problemas compreendidos na ideia de reprodução, o que Luís Soczka estrutura em torno de três gran-

des sistemas de comportamento: o sistema sexual regulador dos comportamentos ligados ao acasalamento e às estratégias reprodutivas, o sistema agonístico que se reporta aos mecanismos da agressividade e o sistema vinculativo que remete para os laços grupais e respectivas vinculações.

As inter-relações destes sistemas de comportamentos e a emergência de subsistemas, como a territorialidade e sua conexão com a activação fisiológica do sistema sexual e respectiva fermentação agonística, são explicadas pelo autor numa outra fascinante proposta ao convergir para a territorialidade como agressão ao serviço do sexo, na defesa de um espaço delimitado por sinais fronteiriços individuais ou de grupo (p.91). Este ensaio sobre o sexo e a evolução do comportamento é nuclear para a compreensão do funcionamento da selecção sexual, da interligação agonística e do encontro dos sistemas sexual e vinculativo na determinação das modalidades de acasalamento, assim como nos informa sobre os mecanismos hormonais e decorrente informação que desencadeia os fenómenos de atracção, onde a aprendizagem do Primatas releva e a culturalidade complexifica no *Homo sapiens*.

O retomar do problema da etologia e sua subversão aparece num artigo de diálogo com um outro de Bracinha Vieira, indispensável para quem queira saber do redimensionamento científico da Etologia e aceder à compreensão da comportamentalidade no que respeita à ontogénese e filogénese humanas, que Soczka propõe e esclarece no axioma: O homem é o animal que escapa à Natureza através da hipertrofia da sua função semiótica (p.139), confrontando os vezos de extrapolações de comportamentos de outras para a espécie humana que alguns ousaram e o autor repudia. Surpreendente pela agilidade argumentativa e fundação científica, de resto característica cardinal de todos os ensaios que compõem o livro, explode em 'Agressão e Contra-Agressão – Para uma Leitura Etológica dos Caminhos da Violência', que compagina a neuro-fisiologia e a neuro-endocrinologia com as manifestações agressivas e todos os seus factores de regulação, dos etopimeléticos e epimeléticos à ritualização dos sinais produtores de múltiplos sentidos, ou seja, quando ascendem da condição de significantes à dimensão plurissignificativa inibidora da agressão dos antagonista presentes na dialéctica sexual.

O passo na explicação da agressão no âmbito da hominização e a reflexão sobre culturalidade e transculturalidade propõem-nos uma leitura outra da plasticidade dos comportamentos humanos face à agressividade, pela convergência 'de factores biológicos, de cultura e individuais, constituindo três níveis mnésicos sobrepostos e integrados, como três computadores interconectados com velocidades operacionais diferentes' (p. 198), que a prospecção recente da informação cortical contribuiu para esclarecer, e talvez por isso, num acelerado conhecimento do que somos, Luís Soczka nos convoca para os cataclismos que nos podem esperar, onde apenas restará a esperança de sobrevivência das baratas, seres resistentes à radioactividade: 'A violência instala-se num crescendo no quotidiano das gentes: os imperativos da sociedade da mercadoria condenam à morte pela fome milhões de exemplares da espécie humana; as grandes potências instalam mísseis nucleares estratégicos; florescem as ditaduras militares em nome do socialismo ou em nome do anti-socialismo; o terrorismo ideológico e a escravatura mental são encapsulados pelos discursos políticos em nome dos mais belos ideais; as guerras são planeadas em dezenas de Ministérios da Defesa' (p.201).

Termina o livro com uma revisitação ao Tabu do Incesto, fundada, primeiro, na contextualização histórica e logo perfilada na problemática da interdição e suas origens culturais, para articular com o contributo da etologia social, que vem demonstrar a falsidade do evitamento dos cruzamentos com parentes próximos como particularidade da espécie humana e esclarecer os comportamentos de outras espécies de Primatas, mais ainda as leituras psicanalíticas do incesto e seu possível entrançamento na institucionalização mítica e plano interpretativo, o 'destino paradoxal' que acaba por redimensionar a dimensão humana.

Livro fascinante, temos insistido, que se interessa aos que se comprometem com a Ciência não interessa menos a quantos se defrontam com a Cultura e aos que, como nós, laboramos na História das Ideias. Mas também abre janelas de um novo pensar a Vida e rasga avenidas de apeteçível remontar ao bom uso da Inteligência mesmo aos que apenas se embalam na literatura. O fascínio está também presente no r(v)igor da escrita.